

Uma posição batista reformada sobre os *dons revelacionais*

A ARBCA – *Association of Reformed Baptist Churches of America* (Associação de Igrejas Batistas Reformadas nos Estados Unidos) foi fundada em 11 de março de 1997. Constituída inicialmente por 24 igrejas de 14 estados norte-americanos, atualmente são mais de 50 igrejas associadas, incluindo duas no Canadá. A Associação mantém alguns projetos missionários que visam, especialmente, à plantação de igrejas; na América do Sul há dois projetos: um na Colômbia e outro na Argentina. Além disso, a ARBCA investe também em alguns projetos de Literatura e promove um convênio para treinamento ministerial com o *Seminário de Westminster*, da Costa Oeste, através do *Institute for Reformed Baptist Studies*. O atual coordenador da ARBCA é o irmão Robert B. Selph, que já esteve no Brasil por três vezes, inclusive pregando no último congresso da CRBB (*Comunhão Reformada Batista no Brasil*), realizado em junho de 2006, em Volta Redonda – RJ. O livro de Selph, *Os Batistas e a Doutrina da Eleição*, tem sido publicado em português pela *Editora Fiel*.

A ARBCA adota a *Confissão de Fé Batista de 1689*. Um estudo sobre a posição confessional referente aos chamados “dons revelacionais” foi apreciado pelas igrejas daquela associação. Um comitê *ad hoc* foi nomeado, cujo relator foi o irmão Walter J. Chantry, conhecido ministro batista reformado, e editor da revista *The Banner of Truth*; algumas obras de Chantry têm sido publicadas em português. O *Relatório pelo Comitê Ad Hoc da ARBCA sobre Dons Revelacionais* foi adotado com unanimidade pela Assembléia Geral realizada em 8 de março de 2000. Apesar de tal documento não representar a posição oficial de qualquer organização batista no Brasil, ainda assim disponibilizamos o mesmo em Língua Portuguesa, facilitando a consideração e análise de estudiosos e interessados no assunto.

Gilson Santos

SOBRE A CONTINUAÇÃO DE DONS REVELACIONAIS EM NOSSOS DIAS

Introdução

À luz de alegações atuais da contemporaneidade dos dons de revelação, mesmo entre aqueles que crêem num cânon fechado e professam a fé Reformada, cabe a ARBCA publicar sua posição sobre tais questões para melhor entendimento e união entre suas igrejas afiliadas. A posição adotada pela ARBCA será usada para informar e examinar as igrejas se candidatando para afiliação, para estabelecer um padrão caso se levante alguma controvérsia em uma igreja afiliada, para servir de padrão quanto a materiais publicados pela ARBCA, e para examinar missionários nacionais e mundiais sustentados pela ARBCA.

Como um corpo confessional, o propósito deste documento é identificar e esclarecer as afirmações contidas na *Confissão de Fé Batista de 1689* que lidam com as questões em pauta, responder questionamentos sobre as posições que nós afirmamos e negamos embasados na Confissão, e preservar a união em nossas igrejas em tempo de controvérsia. Sempre compreendemos que a Escritura é necessariamente a autoridade final sobre a consciência nesta questão. No entanto, igrejas afiliadas à ARBCA já confessaram que a CFB 1689 é um resumo fiel do que a Escritura ensina e que sua subscrição é a base para nossa união e associação. Questões detalhadas de exegese podem ser abordadas em mensagens proferidas em nossa convenção ou através de leitura recomendada. É por isso que este documento lida mais com uma exposição e aplicação da CFB 1689 no que diz respeito a estes assuntos do que uma exegese extensa da Escritura. Segue uma biografia selecionada como recurso para mais estudo.

As posições abordadas neste documento incluirão a crença (1) dos pentecostais e carismáticos, (2) dos cristãos reformados que crêem num cânon fechado, mas crêem na continuação da profecia em algum sentido, (3) dos cristãos reformados que sustentam uma posição *cessacionista*, mas aceitam uma “postura aberta” em relação a revelações e/ou sinais miraculosos no futuro, (4) dos cristãos reformados que sustentam uma posição *cessacionista*, mas crêem que Deus tem dado a alguns homens piedosos do passado experiências extraordinárias, (5) dos cristãos reformados que podem descrever a iluminação do Espírito Santo sem o cuidado de linguagem precisa, e (6) dos cristãos reformados que aceitam uma posição plenamente *cessacionista*.

I. Inicialmente, o que a CFB 1689 diz sobre o cessar da revelação objetiva, a doutrina da iluminação, e a possibilidade de dons de revelação continuarem presentes após o fechamento do cânon?

1. CFB 1689 1.1 – “A Sagrada Escritura é a única regra suficiente, certa e infalível de conhecimento para a salvação, de fé e de obediência... Por isso, em diversos tempos e por diferentes modos, o Senhor foi servido revelar-se a si mesmo e declarar sua vontade à sua igreja. E para a melhor preservação e propagação da verdade, e o mais seguro estabelecimento e conforto da Igreja... foi igualmente servido fazer escrever por completo todo esse conhecimento de Deus e revelação de sua vontade necessários à salvação; o que torna a Escritura indispensável, tendo cessado aqueles antigos modos em que Deus revelava sua vontade a seu povo.”

Comentário:

Este primeiro parágrafo da Confissão identifica as Escrituras Sagradas como a única e suficiente, infalível regra tanto para a salvação como para a

santificação (obediência). Isso atinge todas as áreas da vida. Diz ainda que as “diversas maneiras” em que Deus revelava a si mesmo e sua vontade à sua igreja já cessaram, tendo sido tudo escrito “por completo”. Isso simplesmente significa que todos os métodos de revelação que Deus usou para revelar a Si mesmo e Sua vontade ao Seu povo terminou. Isso não significa que toda revelação que Deus concedeu de “diversas maneiras” ao Seu povo de foi escrita, senão apenas aquilo que Deus julgou necessário para “sua própria glória, e para a salvação do homem” (1:6). Só porque uma revelação não foi incluída nas Escrituras não significa que ela era uma “revelação inferior”. Portanto, as “diversas maneiras” e os “antigos modos” pelos quais Deus revelava a si mesmo e sua vontade ao seu povo cessaram. Por definição, isso inclui comunicação verbal direta, teofanias, profecia, sonhos, visões, dons de curar associados à revelação, escritos proféticos e apostólicos, línguas, a interpretação de línguas, e qualquer outro método sobrenatural usado para se revelar ou declarar sua vontade à sua igreja antes do fechamento do cânon. Ninguém está negando que Deus ainda realiza milagres hoje em resposta a oração, mas a CFB 1689 não dá margem para existirem indivíduos hoje com dons de curas como havia no período apostólico. Como em todo o resto da Bíblia, sinais miraculosos eram dados através de indivíduos para testificar da autenticidade das revelações que recebiam (Jo 20.30-31; 2Co 12.12; Hb 2.1-4).

2. CFB 1689 1.6 – “Todo o conselho de Deus, concernente a todas as coisas necessárias para a sua própria glória, para a salvação do homem, a fé e a vida, está expressamente declarado ou necessariamente contido na Sagrada Escritura. A ela nada em tempo algum se acrescentará, quer por nova revelação do Espírito, quer por tradições de homens. Entretanto, reconhecemos ser necessária a iluminação interior, da parte do Espírito de Deus, para a compreensão salvadora daquilo que é revelado na Palavra...”.

Comentário:

De acordo com este parágrafo há uma diferença entre *revelação* do Espírito Santo e *Iluminação* do Espírito Santo. O ponto é que a Bíblia Sagrada é tão completa que ela revela “todo o conselho de Deus” para todas as coisas necessárias para Sua glória, a salvação do homem, fé e vida. Essa descrição abrangente da Escritura certamente inclui salvação, santificação e todas as categorias necessárias para a vida cristã. Portanto, nenhuma nova revelação é necessária além da Bíblia e nenhuma pode ser adicionada à Bíblia. Isso inclui supostas “novas revelações do Espírito” e tradições dos homens. Se revelações modernas ainda fossem recebidas, não seriam válidas a menos que tratassem da salvação, santificação, obediência, fé, ou vida. Obviamente, nada resta para ser revelado até que Jesus volte. No entanto, é reconhecido que a iluminação interna do Espírito de Deus é necessária para compreender a revelação contida na Palavra escrita para a salvação. Iluminação não é o mesmo que revelação objetiva.

3. CFB 1689 1.9 – “A regra infalível de interpretação das Escrituras é a própria Escritura. Portanto, sempre que houver dúvida quanto ao verdadeiro e pleno sentido de qualquer passagem (sentido este que não é múltiplo, mas um único), essa passagem deve ser examinada em confrontação com outras passagens, que falem mais claramente.”

Comentário:

Se somente a Escritura é a revelação única e final de Deus, e se ela revela todo Seu conselho para salvação, fé e vida, então não há intérprete infalível

da Escritura senão a própria Escritura. Isso elimina a alegação contemporânea de interpretação inspirada e autoritativa da Escritura através da continuação dos dons de revelação tais como profecia, línguas, ou dons de interpretação. Alegar como alguns fazem, "Deus me falou o que o texto significa" é ignorar a Escritura como seu próprio intérprete final. Por outro lado, a iluminação do Espírito Santo ao comparar Escritura com Escritura não é a mesma coisa que os antigos dons de revelação que cessaram.

4. CFB 1689 1.10 – "O juiz supremo, pelo qual todas as controvérsias religiosas devem ser resolvidas e todos os decretos e concílios, todas as opiniões de escritores antigos e doutrinas de homens devem ser examinadas, e os espíritos provados, não pode ser outro senão a Sagrada Escritura entregue pelo Espírito Santo. Nossa fé recorrerá à Escritura para a decisão final."

Comentário:

Não poderá haver revelações adicionais de Deus com qualquer nível de autoridade em que devemos crer além daquela que já foi entregue pelo Espírito nas Sagradas Escrituras. Os decretos, as opiniões, as doutrinas, e espíritos particulares devem todos ser examinados somente pela Escritura Sagrada como o juiz supremo da revelação e a verdade de Deus. A fé se define em entender e crer o que a Escritura ensina.

5. CFB 1689 8.8 – "Cristo certamente aplica e comunica eficazmente a redenção eterna, para todos quantos Ele a obteve: fazendo intercessão por eles; unindo-os a si mesmo por seu Espírito; revelando-lhes o mistério da salvação, na Palavra e pela Palavra; persuadindo-os a crer e obedecer; governando os corações deles por seu Espírito e sua Palavra..."

Comentário:

Aqui a CFB 1689 emprega as palavras "revelando-lhes", não no sentido de uma revelação objetiva como usa ao descrever a Escritura, mas no sentido subjetivo de "revelar" a revelação objetiva da Escritura à alma do homem na chamada eficaz. Essa aplicação, ou "revelação" subjetiva inclui iluminação e regeneração como parte do que é "revelado", mas não se trata de uma revelação objetiva no sentido em que é revelação da Escritura ou dos dons de revelação do passado.

6. CFB 1689 10.1 – "...iluminando-lhes a mente de maneira espiritual e salvadora, para que compreendam as coisas de Deus ..."

Comentário:

Novamente, esta iluminação da mente na chamada eficaz refere-se a Efésios 1.17-18. Neste texto, Paulo ora pelos cristãos que Deus Pai lhes dê "espírito de sabedoria e revelação" no conhecimento de Deus, para saberem o que lhes foi dado gratuitamente por Deus. Aqui, outra vez, esse uso do termo "revelação" se refere à iluminação dos cristãos quanto à verdade já anteriormente revelada, e não à revelação de novas verdades por meio dos dons de revelação de outrora.

7. CFB 1689 18.3 – "Esta certeza infalível de salvação não é uma parte essencial da fé cristã, pois um crente pode esperar muito tempo, e lutar contra muitas dificuldades, antes de alcançá-la. Contudo, não é necessária uma revelação especial para que o crente possa ter essa certeza. Sendo habilitado pelo Espírito Santo a conhecer as coisas que lhe são dadas

gratuitamente, por Deus, o crente pode obtê-la através do uso correto dos meios apontados por Deus...”

Comentário:

Não se obtêm certeza infalível de salvação por meio de revelação especial concedida pelos dons de revelação, e sim pela iluminação do Espírito através dos meios que Deus já concedeu; ou seja, a Escritura, oração, sacramentos, etc. Isso proíbe a dependência de dons de revelação, de outras pessoas, ou de experiências extraordinárias para obter essa certeza infalível.

8. CFB 1689 22.1 – “...Mas a maneira aceitável de se cultuar o Deus verdadeiro é aquela instituída por Ele mesmo, e que está bem delimitada por sua própria vontade revelada, para que Deus não seja adorado de acordo com as imaginações e invenções humanas, nem com as sugestões de Satanás, nem por meio de qualquer representação visível ou qualquer outro modo não descrito nas Sagradas Escrituras.”

Comentário:

A doutrina do princípio regulador no culto requer a prescrição da Escritura para qualquer *elemento* na adoração. A presença dos dons de revelação no culto em nossos dias, ou a revelação de novas formas de culto através deles, subverte a compreensão de que a Escritura é a revelação final em matéria de culto. A presença de tais dons também subverte a autoridade de presbíteros que não manifestam os mesmos. Em caso de diferença entre o ensino e conselho dos presbíteros autorizados versus o conteúdo de uma profecia, a quem deveria o crente seguir? Tanto mais quando se admite a possibilidade da suposta profecia ter sido proferida com precisão ou não. Essa prática contemporânea de dons revelacionais acaba por minar tanto uma eclesiologia estável como o princípio regulador no culto. Portanto, o princípio regulador no culto da CFB 1689 por sua própria definição e sua descrição da Escritura como “todo o conselho de Deus” proíbe o uso atual dos dons de revelação que no passado foram instrumento para nos dar a Escritura e a revelação objetiva de Deus.

- II. Em segundo lugar, o que a CFB 1689 tem a dizer sobre os seis diferentes pontos de vista citados acima acerca da continuação de novas revelações e dos dons revelacionais após o fechamento do cânon bíblico?

1. Primeiro, a CFB 1689 não dá margem alguma para os pontos de vista típicos dos pentecostais e carismáticos. Profecias, sonhos, visões, línguas, interpretação de línguas, escritos inspirados, apóstolos, profetas, bem como qualquer outro dom de revelação que trazia revelação objetiva de Deus já cessou. Esta primeira posição é inaceitável para um pastor, missionário, ou igreja em associação com a ARBCA.
2. Segundo, a CFB 1689 não dá margem alguma para a posição de alguns crentes reformados que crêem num cânon fechado, mas ainda assim acreditam na contemporaneidade da profecia em alguma forma. Essa idéia é as vezes apresentada como se houvesse uma diferença entre profecia infalível empregada na revelação objetiva da Escritura e uma “profecia congregacional” inferior que pode errar devido a uma falha de comunicação nos instrumentos humanos. Deduzem demais da profecia de Ágabo tratando-a como um exemplo de uma profecia somente para a congregação local. Afinal, sua profecia foi registrada na Escritura. Além do mais, alguns chegam a usar Ágabo como exemplo de uma profecia que

não foi transmitida com precisão pelo instrumento humano. De forma alguma tem-se provado que a profecia de Ágabo falhou. Falha muito evidente se encontra é na hermenêutica desse argumento, que emprega um texto histórico obscuro para estabelecer uma doutrina de profecia congregacional inferior e de caráter permanente.

Essa perspectiva vem acompanhada da possibilidade de visões, sonhos, línguas, interpretação de línguas, e palavras de sabedoria como revelações contemporâneas de Deus, ainda que não em pé de igualdade com as revelações infalíveis da Escritura, já que o instrumento humano pode errar no sentido ou retransmitir sem precisão. Esse exato argumento tem sido utilizado por alguns teólogos liberais que admitem um certo tipo de inspiração da Bíblia, mas que negam sua inerrância. A. T. Robinson disse certa vez: “Eu creio que João escreveu o Evangelho, mas quem pode confiar na memória de um idoso.” Há pouca diferença entre o ponto de vista de Robinson de uma Escritura inspirada falível e esse outro ponto de vista de profecia falível. O que acontece se ao crente é pronunciada uma profecia para orientá-lo numa escolha na área de emprego ou casamento quando ele ainda desconhece muitas passagens bíblicas sobre direção divina? Especialmente quando a profecia pode se provar errada com tempo? Ele é forçado a fazer uma escolha sob a orientação de uma profecia possivelmente errada ao invés de se orientar somente pela Escritura.

A crença nessa teoria de profecia inferior acabará por subverter a prioridade e a dependência na Bíblia somente, *sola scriptura*. Além disso, pode criar uma contradição entre conselho sábio vindo de presbíteros ordenados versus profecia possivelmente errada, subvertendo assim a eclesiologia bíblica. Conseqüentemente, de acordo com esse ponto de vista, novas revelações podem ocorrer através de dons de revelação, mas o cânon bíblico permanece fechado como a única revelação infalível e sem erros de Deus. A CFB 1689, porém, afirma que profecia e os outros dons de revelação cessaram uma vez que a Escritura foi concluída. Esta segunda posição é inaceitável para um pastor, missionário, ou igreja em associação com a ARBCA.

3. Terceiro, alguns cristãos reformados são cessacionistas, mas mantêm uma “postura aberta” em relação a revelações e/ou sinais miraculosos no futuro. Esse ponto de vista não crê necessariamente que os dons de revelação estão presentes na igreja hoje ou que reaparecerão no futuro. Porém, devido a um desejo humilde de não impor limites no que o Deus Todo-Poderoso pode escolher fazer no futuro, eles preferem manter uma “postura aberta”. Outros sustentam essa “postura aberta” em conjunto com certas perspectivas pós-milenistas de um reavivamento possível dos dons de revelação nos dias do milênio. Houve no passado alguns desta perspectiva que ainda assim adotavam a Confissão de Westminster ou a CFB 1689. Porém, a “postura aberta” que deseja ter cautela em limitar a Deus no futuro não pode ser sustentada coerentemente, simplesmente porque a CFB 1689 é clara ao declarar “tendo cessado aqueles antigos modos em que Deus revelava sua vontade a seu povo” (1.1). Não podemos admitir que as incoerências sinceras de homens piedosos do passado venham a redefinir as afirmações claras da CFB 1689. Tampouco precisariam eles ter esclarecido mais suas posições prevendo a confusão crescente que está se alastrando mundialmente em nossos dias.

O pós-milenismo em si já é mais difícil de descartar a luz da CFB 1689 visto que ela é ampla o suficiente para ser compatível com algumas posições pós-milenistas. De qualquer forma, a CFB 1689 também parece deixar claro que o período entre o fechamento do cânon e a volta repentina de Cristo no último dia (31.2,3; 32.3) é o mesmo período referido nas palavras “tendo cessado aqueles antigos modos em que Deus revelava sua vontade a seu povo” (1.1). A volta repentina do Senhor conforme descrita na CFB 1689 não permite uma intensificação em nossa expectativa como resultado de um reavivamento de dons de revelação. Alias, a volta repentina de nosso Senhor é identificada como a próxima “revelação”. Portanto, nem uma das duas “perspectivas abertas” é aceitável para um pastor, missionário, ou igreja em associação com a ARBCA.

4. Quarto, há alguns cristãos reformados que são cessacionistas rigorosos e negam a contemporaneidade dos dons de revelação, mas não negam que alguns eventos extraordinários têm ocorrido com homens reformados fiéis ao longo da história. Alguns reformados do passado relataram eventos extraordinários em suas vidas que parecem imitar os dons de revelação mencionados nas Escrituras. Os relatos incluem conhecimento específico de circunstâncias que seria impossível de se obter de forma natural e que ultrapassa a iluminação normal das Escrituras, ou a apreensão da vontade imediata de Deus e sua orientação em seus labores de forma incomum, ou predições do futuro que se cumpriram de fato.

É relatado que Hanserd Knollys certa vez curou a Benjamin Keach e predisse que ele viveria mais que Knollys, o que sucedeu. Spurgeon relatou em sua autobiografia (vol. 2, p. 59-61) dois incidentes onde ele pregou que alguém estava presente disfarçado, e que em cada caso foi posteriormente informado por uma mulher que eles estavam de fato presentes disfarçados para não serem reconhecidos. Em outra ocasião ele apontou o dedo a certa parte do auditório onde um jovem se sentava e disse: “Rapaz, você está usando luvas pelas quais não pagou; você as roubou do seu empregador.” Após o culto, o jovem o visitou e, colocando as luvas sobre a escrivaninha, confessou o crime. Outros relatos de predições extraordinárias na história da igreja foram escritas por George Gillespie, inclusive por alguns dos reformadores (Obras, vol. 2, cap. 5, sec. 7, p. 30).

Por mais difícil que seja explicar tais eventos, estas ocorrências não foram a obra de “profetas” como descrito no Novo Testamento, nem essas experiências se encaixam com a prática regular de profecia no culto da congregação (1 Co 14), que alguns estão alegando acontece hoje. Nem tampouco esses homens promoveram o uso de tais dons, ou tentaram restaurá-los à igreja como está sendo feito hoje pelo “restauracionismo.” Tais eventos extraordinários, ou opiniões, ou erros de homens piedosos não podem ser utilizados para modificar o sentido claro das palavras da CFB 1689. Crer que alguns eventos extraordinários que parecem imitar os dons de revelação mencionados nas Escrituras podem ter ocorrido com homens piedosos do passado não significa necessariamente que se crê que os dons de revelação ainda existem hoje como no passado. Aqueles que admitem essas experiências extraordinárias de homens piedosos requerem da ARBCA paciência para examinar se eles crêem na contemporaneidade dos dons como mencionado acima ou na “perspectiva aberta”, pois pode não ser o caso. Porém, é imprescindível que haja uma rejeição da

contemporaneidade dos dons de revelação para se conformar com a CFB 1689 e servir na ARBCA como membro.

5. Quinto, há alguns cristãos reformados que podem descrever a iluminação do Espírito Santo sem o cuidado de linguagem precisa, apesar de aceitarem a posição totalmente cessacionista da CFB 1689. Por exemplo, alguns puritanos aplicavam o termo “profecia” ao que consideravam pregação cheia do Espírito. Em algumas ocasiões Lutero, Calvino e Knox fizeram uso do termo “Apóstolo” fora do seu sentido técnico. Outros hoje dizem coisas do tipo: “O Senhor me falou... O Senhor me revelou... Deus falou ao meu coração...” etc. Tal linguagem pode ser simplesmente uma expressão para a iluminação do Espírito Santo e a aplicação da verdade de Deus à mente, dito em termos confusos e desprovidos da devida cautela e precisão, visto que esse tipo de linguagem é corriqueiro na cultura cristã. O movimento carismático tem espalhado tanto sua linguagem como sua teologia na América.

Por outro lado, tal linguagem pode não ser um descuido. Pode ser a expressão de uma crença real em revelação imediata, ou de um misticismo anti-bíblico baseado em sentimentos subjetivos, ou ainda de uma atitude que se aproxima muito à crença na continuação dos dons de revelação. Por isso, esses casos exigem uma abordagem amorosa até que o indivíduo esclareça qual é sua posição exata. A CFB 1689 usou o termo “revelou” ao explicar a chamada eficaz (8:8). A Escritura as vezes usa o termo “revelação” para descrever a apreensão subjetiva da revelação bíblica (Mt 11.25,27; Mt 16.17; Lc 10.21,22; Gl 1.16; Ef 1.16-18; Fl 3.15). No sentido usado nesses textos a “revelação” continua acontecendo hoje, mas não aquela revelação vinculada a dons de revelação. Portanto, em vista da confusão e dos erros de nossos dias, uma distinção clara precisa ser feita entre revelação objetiva da verdade e a iluminação subjetiva ou compreensão desta verdade pelo Espírito Santo. Além disso, precisa haver mais diálogo com aqueles que usam de linguagem imprecisa e incerta, e pode até ser o caso que precisamos instruí-los melhor. Esta prática requer comunicação, amor, diálogo, paciência, e possivelmente a instrução daqueles que desejarem se filiar a ARBCA antes que possam ingressar.

6. Sexto, a posição da ARBCA é que a CFB 1689 expressa uma perspectiva totalmente cessacionista que é incompatível com os primeiros três pontos de vista abordados. A contemporaneidade da revelação objetiva ou dos dons de revelação é rejeitada como contraditória à CFB 1689 e um perigo para a doutrina de *sola scriptura*. Sendo assim, pastores, missionários, e igrejas associadas à ARBCA precisam estar de acordo com esta posição.

Das seis posições citadas acima, as três primeiras são inaceitáveis para membros da ARBCA. A última é a que está em conformidade maior com as afirmações claras da CFB 1689. As outras duas posições, a quarta e a quinta, podem revelar que alguém não está em conformidade satisfatória à CFB 1689, mas pode também não ser o caso. Precisamos ter amor e paciência e procurar oportunidade para mais diálogo quando consideramos pastores, missionários e igrejas para afiliação na ARBCA.

- III. Em terceiro lugar, o comentário acima da CFB 1689 nos capacita a fazer as seguintes afirmações e negações sobre a questão de revelação e/ou dons de revelação contemporâneos após o fechamento do cânon bíblico.

1. Primeiro, nós afirmamos *sola scriptura* como a posição clara da CFB 1689 que identifica a única fonte de revelação objetiva proposicional de Deus para o homem hoje. Nós negamos a continuação de revelação objetiva de qualquer tipo, “tendo cessado aqueles antigos modos em que Deus revelava sua vontade a seu povo” (1.1).
 2. Segundo, nós afirmamos que a palavra “revelou” (8.8) deve ser usada com cautela quando se refere à obra do Espírito Santo na chamada eficaz e quando usada para descrever a iluminação do Espírito Santo e a aplicação da Escritura. Nós negamos que o Espírito Santo revela, faz novas revelações objetivas ao crente em qualquer sentido, inclusive no que diz respeito a eventos extraordinários relatados por homens reformados.
 3. Terceiro, nós afirmamos que as maneiras anteriores em que Deus revelava a si e sua vontade a seu povo incluía profecia, visões, sonhos, teofanias, línguas, interpretação de línguas, escritos revelados, etc. Negamos que as alegações contemporâneas desses dons de revelação sejam válidas.
 4. Quarto, nós afirmamos que o dom de línguas consistia de idiomas estrangeiros e que seu caráter era de revelação. Negamos que esse dom foi outra coisa senão idiomas humanos estrangeiros ou que foi uma língua particular de oração.
 5. Quinto, nós afirmamos que devemos ter cautela em utilizar as palavras “revelou” e “revelação” quando o que temos em mente é a iluminação contínua do Espírito Santo da revelação escrita. Nós negamos que essa iluminação do Espírito Santo da revelação objetiva possa em qualquer sentido trazer novas revelações da verdade divina.
 6. Sexto, nós afirmamos que o intérprete final e autoritativo da Escritura é a própria Escritura. Negamos que qualquer interpretação da Escritura que alega ser revelada pelo Espírito Santo possa ser a autoridade final quanto a interpretação do sentido de qualquer passagem bíblica.
 7. Sétimo, nós afirmamos o direito de investigar a posição que um indivíduo mantém sobre a contemporaneidade de revelação e dons de revelação a partir das Escrituras. Negamos o direito de se tornar ou continuar sendo um pastor ou missionário da ARBCA, bem como o direito de ser uma igreja afiliada à ARBCA a quem quer que ensine a suposta contemporaneidade dos dons de revelação ou comece a praticá-los.
- IV. Quarto, à luz da expansão de doutrinas erradas em nossos dias, o que deve ser a prática declarada da ARBCA quanto a examinar igrejas que desejam se afiliar e a disciplina de igrejas já afiliadas nesta questão da contemporaneidade de revelações e dos dons de revelação?
1. Primeiro, o exame de pastores, missionários e igrejas para afiliação deve incluir questionamento específico sobre a posição do candidato nesta questão, inclusive fazendo-se a leitura e a discussão deste documento.
 2. Segundo, caso um pastor, um missionário ou uma igreja em questão esteja incerto de que posição eles sustentam, deve-se-lhes permitir tempo para ler obras relevantes e discutir o assunto com o comitê de afiliação.

3. Terceiro, caso um pastor, um missionário ou uma igreja afiliada comece a adotar uma posição diferente da promovida pela ARBCA, o pastor ou missionário deve notificar os presbíteros de sua igreja para que resolvam a questão internamente. Os presbíteros podem pedir assistência da ARBCA para instrução e orientação. Caso uma igreja afiliada se recuse a remover o pastor ou missionário envolvido no erro, ou se vier a mudar sua crença, ou se ela começar a praticar tais dons de revelação (que cessaram biblicamente), ela terá obrigação de notificar a ARBCA e iniciar diálogo para comunicação, instrução, e solução do problema. Caso não se concretize um retorno satisfatório à posição da ARBCA, a igreja será convidada a retirar-se da ARBCA. Se não o fizer, a ARBCA será forçada a romper associação com a tal igreja. Em todos os casos, ambas as partes devem demonstrar paciência e amor fraternal.

V. Quinto, segue abaixo uma bibliografia recomendada para compreender melhor esta questão.

1. Budgen, Victor, *The Charismatics and the Word of God* (EP) (*Os Carismáticos e a Palavra de Deus*)
2. Chantry, Walter, *Signs of the Apostles* (BT) (*Sinais dos Apóstolos*)
3. Clowney, Edmund, *The Church* (IVP) (*A Igreja*)
4. Ferguson, Sinclair, *The Holy Spirit* (IVP) (*O Espírito Santo*)
5. Gaffin, *Perspectives on Pentecost* (B) (*Perspectivas Sobre Pentecoste*)
6. Grudem, Wayne, *Systematic Theology* (*Teologia Sistemática*)
7. Hulse, Erroll, *Reformation Today*, #164 on cessationism (artigo sobre cessacionismo na edição número 164 da revista *Reformation Today*)
8. Judish, Doug, *Cessation of Gifts* (B) (*Cessação dos Dons*)
9. MacArthur, John, *Charismatic Chaos* (*Caos Carismático*)
10. Reymond, Robert, *A New Systematic Theology of the Christian Faith* (*Uma Nova Teologia Sistemática da Fé Cristã*)
11. Robertson, O. Palmer, *The Final Word* (BT) (*A Palavra Final*)
12. Smith, Morton, *Systematic Theology* (Greenville Seminary Press) (*Teologia Sistemática*)

Submetido respeitosamente por:

Rev. Walter J. Chantry, relator
Dr. Jim Adams
Rev. Don Lindblad
Dr. Fred Malone
Rev. Fred Pugh
Dr. James Renihan
Rev. Bill White

